



1º CEIP

**CONGRESSO DE ENFERMAGEM
DO INTERIOR PAULISTA**

ANAIS

2022



Estácio
OURINHOS



Estácio
RIBEIRÃO PRETO



**REVISTA
HÓRUS**
ISSN: 1679-9267



1º CEIP

**CONGRESSO DE ENFERMAGEM
DO INTERIOR PAULISTA**



12 E 13 DE MAIO

ANAIS 2022

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof Dra Carolina Guizardi Polido

Prof Me Mayara Segundo Ribeiro

Prof Me Elaine Aparecida Soi

Prof Dra Luana Flavia Talmelli Ruy

Prof Me Suelen Borelli Lima Giacomini

Prof Esp Joelma Camilo

Enf Osvaldo César Pompei Junior

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof Dra Carolina Guizardi Polido

Prof Dra Luana Flavia Talmelli Ruy

Prof Me Andressa Fernanda Silva

Prof Me Elaine Aparecida Soi

Prof Me Ellen Cristina Gondim

Prof Me Gabriela Yuki Bressanim Ono

Prof Me Mayara Segundo Ribeiro

Prof Me Simone de Carvalho Santos

Prof Me Suelen Borelli Lima Giacomini

Prof Esp Joelma Camilo

APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que damos as “boas-vindas” aos participantes do I Congresso de Enfermagem do Interior Paulista (I CEIP).

O objetivo do I CEIP foi proporcionar à comunidade de enfermagem do interior do Estado de São Paulo um espaço para debates, reflexões, partilhas, aprendizagem e atualização de conhecimentos, além de apresentação e discussão de trabalhos científicos de diversas áreas da enfermagem.

Neste ano, com tema central “O Protagonismo da Enfermagem no Cuidado em Saúde e na Pesquisa”, objetivamos expor os avanços no conhecimento científico, discutir questões relevantes na formação do profissional de enfermagem e sua inserção no mercado de trabalho.

Fomos mais de 700 participantes de forma presencial e online, focalizando temas essenciais para o profissional da enfermagem do século XXI, como internacionalização, perfil gestor e de liderança na enfermagem, o mundo digital na área da saúde, e como não poderia deixar de ser, os 30 anos do SUS.

As atividades envolveram a apresentação de 12 trabalhos, em sessão oral, além de 11 conferências que potencializaram os 3 pilares da enfermagem, assistência, educação e gestão.

Mesmo diante dos atuais desafios vividos em nosso país, sobretudo por profissionais da saúde e educação, é um alento perceber que reunidos aqui se encontram estudantes e profissionais já formados que acreditam e valorizam o conhecimento científico e as ações benéficas que deles emanam para uma assistência qualificada para toda sociedade.

Agradecemos aos que nos honraram com a presença e desejamos que construam excelentes experiências e boas lembranças deste encontro.

Em nome da Comissão Organizadora, agradecemos a todos. Até 2023!

Carol e Mayara



1º CEIP

CONGRESSO DE ENFERMAGEM DO INTERIOR PAULISTA



12 E 13 DE MAIO

ANAIS 2022

SUMÁRIO

1. A educação em saúde como estratégia de enfrentamento a doenças crônicas não transmissíveis no contexto da atuação da equipe de saúde da família 4
2. A humanização e desumanização do cuidar em clientes que vivem com HIV: uma revisão integrativa 7
3. A importância da enfermagem na realização do pré-natal de baixo risco na atenção básica: uma revisão da literatura 10
4. Comunicação no relacionamento enfermagem-paciente 12
5. Conhecimento da equipe de enfermagem quanto a higienização das mãos para a prevenção das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) 14
6. Grupos operativos e o papel do enfermeiro nos Centros de Atenção Psicossocial 17
7. O enfermeiro e a prática de educação em saúde na atenção primária 20
8. O método canguru e a importância do profissional de saúde sobre essa conduta 22
9. Os desafios dos enfermeiros para realização do pré-natal às mulheres indígenas 25
10. Peso e hábitos de vida de crianças do ensino fundamental do interior paulista 28
11. Qualidade da assistência ao idoso hipertenso 30
12. Uso de substâncias psicoativas associado a pandemia da covid-19: estratégias de enfrentamento 32

A EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO ÀS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS NO CONTEXTO DA ATUAÇÃO DA EQUIPE DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Osvaldo Cesar Pompei Júnior¹

Nathália de Azevedo Mendes²

Simone de Carvalho Santos³

Carolina Guizardi Polido⁴

INTRODUÇÃO: Com as mudanças estruturais na sociedade e as novas condições de vida e trabalho, o indivíduo passou a ter a necessidade de grandes adaptações e transições acerca do seu meio de vida. A necessidade de equilíbrio entre qualidade de vida, fatores de risco modificáveis e sobrevivência tem impactado diretamente na transformação de doenças agudas e crônicas, gerando assim um senso transformador a conceitos que se correlacionam com a promoção e prevenção em saúde (LIMA et al., 2020). Adentrando a dados epidemiológicos do país, destacam-se a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM) como patologias constituintes de foco na linha de cuidado decorrente do grande número de acometimentos do público da Atenção Primária em Saúde (APS), ressalva que quando comparadas a outras doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) apresentam grandes proporções de morbidade e mortalidade (CRUZ et al., 2018). **OBJETIVO:** O objetivo do presente trabalho foi identificar através da literatura quais são os principais impactos da prevalência das DCNTs no sistema de saúde, além de avaliar as estratégias de educação em saúde no posicionamento da equipe da Estratégia Saúde da Família (ESF) em suas condutas. **MÉTODO:** este é um estudo de revisão bibliográfica, realizado através do

¹ Enfermeiro, egresso do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Email: osvaldocesarjunior@hotmail.com.

² Enfermeira, egresso do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

³ Enfermeira, Mestre em Ensino em Saúde. Docente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

⁴ Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva. Docente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

cruzamento das palavras-chave “hipertensão arterial or diabetes and atenção primária em saúde and educação em saúde”. **RESULTADOS:** As DCNTs como a HAS e DM têm grande impacto negativo na saúde da população, principalmente devido à sua causalidade múltipla. É observado que seu desenvolvimento está intimamente ligado aos hábitos e estilos de vida, sendo as principais causas de mortes prematuras e evitáveis no Brasil. Além disso, sobrecarregam a economia não somente devido ao custo do tratamento, mas também com a perda de produtividade e processos previdenciários precoces (NILSON et al., 2018). Dados levantados pelo Ministério da Saúde estimam que há no país cerca de 34 milhões de pessoas portadoras de HAS e 9 milhões de pessoas portadoras de DM, aumentando as chances de falta de assistência adequada e conseqüentemente perda da qualidade de vida podem possuir agravamentos, gerando aumento nas internações e impactos financeiros negativos ao Sistema Único de Saúde (SUS). Por sua vez as USFs se constituem em espaços privilegiados de atenção à saúde, contando com a atuação de equipes multiprofissionais, cujos processos de trabalho pressupõem vínculo com a comunidade e a clientela adscrita, levando em conta a diversidade racial, cultural, religiosa e os fatores sociais envolvidos (CRUZ et al.,2018). A promoção e prevenção em saúde é apontada por Fernandez et al. (2013) como pilares da integralidade das ações em saúde e, neste âmbito, a Educação em Saúde objetiva formar posicionamento em indivíduos autônomos que estejam instruídos a compreender particularmente o processo saúde-doença e o cuidar. Ainda, a educação em saúde, conceituada como uma partilha entre o profissional em saúde e o cliente, proporciona troca de conhecimentos e é capaz de construir novos saberes conjuntos e aumentar o envolvimento das pessoas no cuidado. Torna-se ainda impulsionadora no compartilhamento de informações entre os profissionais da saúde, gestão e comunidade, pois possibilita transitar pelo território atendido na coleta de suas reais necessidades para serem transformadas em estratégias de controle social (ALMEIDA et al.,2014). Pode-se observar que as ações de enfermagem com perspectiva voltada à compreensão integral do cliente assistido, podem auxiliar a consolidação e fortalecimento dos serviços de saúde, à luz da investigação do posicionamento deste sujeito quanto a prevenção e a percepção dos riscos à saúde e a concessão e afirmação de um papel social participativo aos profissionais de saúde para apontamento de respostas junto aos problemas (CORREA et al., 2018). **CONCLUSÃO:** A

educação em saúde é ferramenta imprescindível na prevenção de agravos e promoção da saúde, principalmente ao se estar em contato com as doenças crônicas não transmissíveis, possibilitando ao enfermeiro ampliação e integralidade do cuidado na atenção primária em saúde.

Palavras-chave: Enfermagem; Educação em Saúde; Equipe de Assistência ao Paciente; Doenças não Transmissíveis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edmar Rocha, MOUTINHO, Cinara Botelho; LEITE, Maisa Tavares de Souza. A prática da educação em saúde na percepção dos usuários hipertensos e diabéticos. **Revista Saúde em Debate Online**. 2014, v. 38, n. 101 p. 328-337. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140030>>. ISSN 0103-1104. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140030>. Acesso em: 24 Out. 2021.

CORREA JÚNIOR, Antônio Jorge Silva; SOUZA Thaís Cristina Flexa; SOUSA, Yasmin Martins de Sousa et al. Educação popular em saúde, pensamento crítico e os sete saberes. **Revista de Enfermagem da UFPE online** v.12, n. 2, p.537-545, fev. 2018. ISSN 1981-8963. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231062/27882>>. Acesso em: 22mar. 2021.

CRUZ, Pedro José Santos; VIRMES, Daniella; LEITÃO, Maria Hellena et al. Educação popular como orientadora de grupos de promoção à saúde de pessoas com hipertensão e diabetes na atenção básica: caminhos e aprendizados com base em uma experiência. **Revista de APS** v. 21 n. 3 (2018). Disponível em:<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16423/8455> Acesso em: 22 mar. 2021.

FERNANDEZ, Darla Lusia Ropelato; POLLARO, Sandra Helena Isse; GONÇALVES, Lucia Hisako Takase. Programa hiperdia e suas repercussões sobre os usuários. **Revista Baiana de Enfermagem** v. 30, n. 3, p. 1-11, jul./set. 2016. Disponível em:<DOI 10.18471/rbe.v30i3.17156> Acesso em: 11 maio 2021

LIMA, Luanda de Oliveira; SILLVA, Maria Rocineide Ferreira da; CRUZ, Pedro José Santos Carneiro et al. Perspectivas da Educação Popular em Saúde e de seu Grupo Temático na Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). **Revista Ciência & Saúde** Col. p 25, n. 7, pp. 2737. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.26122020>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

NILSON, Eduardo Augusto Fernandes; ANDRADE, Rafaella da Costa Santin; BRITO Daniela Aquino de et al. Custos atribuíveis a obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2018. **Revista Panamericana de Salud Pública** [online]. v. 44 e32. Disponível em: <<https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.32>>. Acesso em 08 out. 2021.

A HUMANIZAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO DO CUIDAR EM CLIENTES QUE VIVEM COM HIV: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Ester Francisca Tavares¹
Heloisa Rafaela Araújo Nardin²
Andressa Fernanda Silva³

INTRODUÇÃO: Humanizar é ir além de um modelo mecanizado de assistência e sim a busca de um modelo pautado na característica de cada cliente, com ações empáticas com relevância ao ser humano e a sua história, possibilitando, portanto, a relação do cliente e

¹ Graduanda em Enfermagem, Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, São Paulo Brasil. E-mail: hadasa_yukitete@outlook.com.

² Graduanda em Enfermagem, Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, São Paulo Brasil.

³ Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde. Docente do curso de graduação em Enfermagem - Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto.

profissional de saúde. O oposto de humanização é a desumanização, que em sua prática provoca indiferença, irritação ao diminuir e desaprovar, sendo um pré-julgamento do outro. O Sistema Único de Saúde (SUS) é um grande protagonista neste cuidado atuante, na (Atenção Primária à Saúde (APS) e Estratégia Saúde da Família (ESF), com uma função de grande relevância no enfrentamento das epidemias, entre elas a do HIV. No ano de 2020, foi constatado que a população com maior risco de se infectar com HIV foram (profissionais do sexo e sua clientela, gays e outros homens que fazem sexo com homens, pessoas usuárias de drogas e pessoas trans) e conclui que os maiores responsáveis pelas infecções foram os parceiros sexuais com 65% em todo o mundo. Pode-se analisar que a escuta ativa e um diálogo de qualidade, entre os participantes nesta situação ajude a obter uma implicação maior no seguimento deste tratamento como já observado, e implantando informação para que o cliente reconheça sua nova circunstância e continue gozando desta assistência humanizada e segura, garantindo um cuidado aplicado ao seu biopsicossocial. **PROBLEMA DE PESQUISA:** Como o cuidado desumanizado pode afetar o paciente que vive com HIV? **OBJETIVO:** Investigar nas evidências científicas, sobre o impacto do cuidado humanizado e desumanizado aos pacientes que vivem com HIV/AIDS. **MÉTODOS:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Serão realizadas procuras na literatura nacional e internacional abordando a temática selecionada para o estudo. A busca pelos estudos serão realizadas nas bases de dados EMBASE, MEDLINE e nas bibliotecas virtuais/coleções BVS, SCIELO e SCIENCE DIRECT. **RESULTADOS ESPERADOS:** Espera-se demonstrar a importância do cuidado humanizado ao paciente que vive com HIV e como a desumanização pode afetar o tratamento. Torna-se necessário que a conduta dos profissionais envolvidos na prestação do cuidado seja reavaliada, visando que em suas práticas profissionais ocorram o amparo, a confiança e segurança do paciente. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ao final desta pesquisa, temos a noção e certeza de que ainda falta muito para concluir o trabalho. No entanto percebemos que ainda temos muito a se aprender com o tema e conhecimentos obtidos através desta pesquisa. Ao entrar no universo do cuidado humanizado e desumanizado as pessoas que vivem com HIV/AIDS, observamos o amplo campo de necessidades destes clientes, e como através de ações de enfermagem este cuidado vigente pode se tornar um cuidado humano e de qualidade.

Palavras-chave: Humanização da Assistência; Desumanização; HIV; Síndrome da imunodeficiência adquirida; Cuidados de Enfermagem.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Yuri Nishijima; SCHRAIBER, Lilia Blima. Autoridade, poder e violência: um estudo sobre humanização em saúde. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2021, v. 25 [Acessado 6 Maio 2022], e190838. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190838>

BELLENZANI, R.; NEMES, MIB Avaliação de uma intervenção psicossocial no cuidado para adesão ao tratamento para HIV/AIDS: um estudo de caso. **Temas em Psicologia**, p. 791-814, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n3/en_v21n3a08.pdf. Acesso em: 3 maio 2022.

BRASIL, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS). **Estatísticas Globais Sobre HIV**, 2021. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/> Acesso em: 05 abr. 2022.

MELO, Eduardo Alves; MAKSUD, Ivia; AGOSTINI, Rafael. Cuidado, HIV/Aids e atenção primária no Brasil: desafio para a atenção no Sistema Único de Saúde? **Revista Panamericana de Salud Pública** [online]. 2018, v. 42, e151. Disponível em: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.151>. Acesso em: 6 maio 2022.

BRASIL, Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). **Humanização e Trabalho na Enfermagem**, 2021. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/humanizacao-trabalho-enfermagem/>. Acesso: 05 maio 2022.

A IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NA REALIZAÇÃO DO PRÉ NATAL DE BAIXO RISCO NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Bruna Gama Dos Santos¹
Lara Rayane Santos Silva²
Lais Alves Rodrigues³
Marina Maria da Silva⁴

INTRODUÇÃO: Segundo o Ministério da saúde (MS) o pré-natal é uma importante ferramenta que visa a proteção e prevenção de complicações materno infantil. O objetivo é assegurar o desenvolvimento de uma gestação saudável, permitindo um parto e um puerpério sem complicações, diminuindo os riscos de morte materna e infantil. A enfermagem tem um papel fundamental na realização da assistência as gestantes na atenção primária à saúde, sendo protagonista na realização do pré-natal de baixo risco. O enfermeiro conforme recomendação do Ministério da Saúde, têm total autonomia de conduzir todo o pré-natal de baixo risco, conforme garantido pela Lei do Exercício Profissional, regulamentada pelo Decreto nº 94.406/87 (ROCHA, 2020). O número de consultas adequado de pré-natal realizado deve ser igual ou superior a 6, sendo mensais até a 28ª semana, quinzenais entre 28ª e 36ª semanas e semanais da 36ª a 41ª semana. (BRASIL, 2013). O enfermeiro deve estar atento a possíveis anormalidades que possam surgir durante o pré-natal de baixo risco, podendo ele encaminhar essa gestante para um atendimento especializado no alto risco. Ainda é necessário um acolhimento e uma escuta qualificada dessa gestante, passar informações que sejam necessárias para o melhor desenvolvimento de gestação, ouvir suas

¹ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden. E-mail: enf.brunagsantos@gmail.com

² Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden.

³ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden.

⁴ Enfermeira, Residente em Saúde da Família pelo Centro Universitário Tabosa De Almeida - Asces Unita.

queixas e retirar possíveis dúvidas que possam surgir. **OBJETIVO:** Avaliar na literatura aspectos mais atuais sobre a enfermagem e sua importância na realização do pré-natal de baixo risco. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão simples da literatura. A busca pelos artigos para essa pesquisa ocorreu nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library (SciELO), Os critérios de inclusão adotados para a pesquisa foram: artigos escritos em português, disponíveis na íntegra gratuitamente, no período de 2013 a 2022. Os descritores utilizados foram filtrados no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). No total utilizou-se cinco literaturas para revisão cujos temas atendiam aos critérios de inclusão desta revisão. **RESULTADOS:** Identificou-se com esta pesquisa que os profissionais de enfermagem são fundamentais na realização do pré-natal de baixo risco na atenção básica, assegurando a realização de todas as consultas, seguindo as orientações do MS, considerando que são respaldados para tal atividade (SOUSA et al, 2020). O enfermeiro por ser o profissional de mais fácil acesso no serviço de saúde pode oferecer uma assistência de qualidade e de forma continuada considerando o meio socioeconômico tornando suas consultas resolutivas (MENEZES et al., 2020). Segundo Ferreira (2021), Mesmo com os avanços no sistema de saúde, há falhas nas necessidades dos usuários e profissionais, sendo não somente problemas que podem ser resolvidos por desempenho profissional, mas exigindo uma ampla participação de uma esfera para solucionar fatores que interferem na qualidade do pré-natal. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se com esta revisão que o pré-natal de baixo risco realizado na atenção básica à saúde deve ser de qualidade, com uma boa e qualificada escuta, no qual a gestante se sinta à vontade para retirar suas dúvidas e ser orientada sobre o processo de gestação, parto e puerpério. O enfermeiro deve estar capacitado para realizar a consulta sabendo as condutas ideais que devem ser adotadas e quais orientações está apto a realizar, deve ainda estar atento a possíveis mudanças que possa haver entre as consultas tendo respaldo legal para prescrição de cuidados, medicações e solicitação de exames que sejam necessários para um melhor acompanhamento. Vale ressaltar que o pré-natal é uma atividade privativa do enfermeiro e tem como objetivo reduzir os riscos mortalidade e ainda proporcionar melhoria na qualidade de vida da gestante.

Palavras-Chave: Atenção Básica; Cuidado Pré-Natal; Enfermagem

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. **Atenção ao pré-natal de baixo risco**. Cadernos de Atenção Básica, nº 32. 2012.

FERREIRA, Gabriela Elaine et al. A atenção do enfermeiro na assistência ao pré-natal de baixo risco. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 2114-2127, 2021.

MENEZES, Jorge Jonas Souza et al. Pré-natal de risco: dificuldades da gestante na realização do pré-natal com o Enfermeiro. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7, pág. e912974497-e912974497, 2020.

ROCHA, Kattysglay Endlich Silva; SANTOS, Cleia Nascimento dos; SILVA, Cleiry Simone Moreira da. Assistência ao pré-natal de baixo risco ofertada por enfermeiros no Brasil: revisão de literaturas publicadas no período de 2016 a 2020. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**, v. 6, n. 1, p. 113-126, 2020.

SOUSA, Paulo Henrique Santana Feitosa et al. Desafios do enfermeiro no pré-natal de baixo risco: revisão integrativa. **Journal of Health Connections**, v. 9, n. 2, 2020.

COMUNICAÇÃO NO RELACIONAMENTO ENFERMAGEM – PACIENTE

Yara Ulbrecht Gouvea¹
Gabriela Yuki Bressanim Ono²

INTRODUÇÃO: A comunicação é a base de todas as nossas relações, sejam elas relações no âmbito profissional, pessoal ou amoroso. É por meio dela que conseguimos nos expressar, interagir, criar laços, realizar projetos, expor opiniões e defender nossos ideais. É a comunicação que nos torna humanos (SILVA, 2013). Para que a comunicação seja assertiva,

¹ Discente do curso de enfermagem na Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: yaraulbrecht@hotmail.com.

² Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Docente do curso de enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

faz-se necessário uma série de fatores e habilidades que precisam ser aprimoradas pelos profissionais da enfermagem para que saibam de fato se comunicar (GOMAN, 2010). Quando se trata da comunicação na área da saúde, especificamente da comunicação entre enfermeiro-paciente, não existe cuidado sem comunicação, sem orientação, sem o olhar clínico e sem a escuta terapêutica, pois o aprimoramento dessas capacidades nos possibilita um atendimento de qualidade (SILVA, 2013). **OBJETIVO:** analisar os fatores que auxiliam no processo da comunicação terapêutica entre o enfermeiro e o paciente. **MÉTODO:** este trabalho é uma breve revisão da literatura feita através do cruzamento das palavras comunicação *and* enfermagem. **RESULTADOS:** Os resultados preliminares indicam que a comunicação é um determinante da qualidade e da segurança na prestação de cuidados, e as falhas na comunicação têm sido um dos principais fatores que repercutem em cuidado inseguro, contribuindo para desfechos desfavoráveis. As barreiras na comunicação precisam ser derrubadas, pois não existe cuidado sem uma comunicação eficaz, e é através do aperfeiçoamento e da capacitação que a enfermagem consegue diminuir o impacto emocional e proporcionar melhor assimilação da nova realidade. A partir do momento em que o profissional de saúde se torna consciente das barreiras que o impedem de obter uma boa comunicação, ele passa a enxergar a necessidade em ser assertivo e categórico em suas atividades profissionais (PENA; MELLEIRO, 2018). A enfermagem carece estar ciente que sua comunicação deve ser efetiva, pois em sua grande maioria lida com pacientes e familiares que não possuem conhecimento técnico, precisam ter suas dúvidas sanadas e serem preparados, por exemplo, para receberem más notícias, e é nesse exato momento que uma comunicação assertiva faz a diferença (LEITE; AURÉLIO, 2012). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** com base nos resultados parciais foi possível perceber a escassez de artigos que correspondiam com o objetivo desse estudo. Está evidente que pouco se tem conhecimento sobre a real importância da comunicação efetiva nos processos comunicacionais dos profissionais da enfermagem e nas relações com o paciente. Ressalta-se a necessidade da mudança cultural da equipe de enfermagem a fim de tornar significativa o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades em comunicação, sendo este, o primeiro passo para uma comunicação assertiva.

Palavras-chave: comunicação; enfermagem; segurança do paciente.

REFERÊNCIAS

SILVA, Maria Júlia Paes. Comunicação Tem Remédio: A Comunicação Nas Relações Interpessoais Em Saúde. 9ª Ed. São Paulo: **Loyola**; 2013.

LEITE, Bruna Silva et al. A relação entre os profissionais de enfermagem e pacientes terminais: A Influência da Comunicação. **Rev. Rede Cuidados Saúde**. 2012.

PENA, Mileide Moraes, MELLEIRO Marta Maria. Eventos Adversos Decorrentes De Falhas De Comunicação: Reflexões Sobre Um Modelo Para Transição Do Cuidado. **Rev. Enferm UFSM**. 2018.

GOMAN, Carol Kinsey. A Vantagem Não Verbal: Segredos E Ciência Da Linguagem Corporal No Trabalho. Petrópolis: **Vozes**; 2010.

CONHECIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM QUANTO A HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS PARA A PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE (IRAS)

Natália dos Santos Santana¹
Renato Rodrigues Moreira²
Elaine Cristina Salzedas Muniz³

INTRODUÇÃO: Em um contexto em que as Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde se encontram evidentes, é presente o aumento significativo em relação ao número de

¹ Enfermeira, egressa do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. E-mail: nataliahnw@gmail.com.

² Enfermeiro, egressa do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

³ Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Docente do curso de enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

mortalidade e prejuízo à saúde dos pacientes, caracterizando um problema de saúde pública. Com isso há a necessidade de compreender o conhecimento da equipe de enfermagem em relação às Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde. Sendo assim, o objetivo esperado por meio dessa análise na literatura nacional, é compreender o conhecimento da equipe de enfermagem em relação a higienização das mãos para a prevenção das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão de literatura com a busca nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) em setembro de 2021, tendo como questão norteadora: qual o conhecimento da equipe de enfermagem quanto à higienização das mãos para prevenção das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde? Foram selecionados artigos originais e de revisão, em português e publicados de 2004 a 2021. Dentre 106 estudos identificados, após leitura de título e resumo, foram selecionados os artigos que atendiam os critérios inclusão, totalizando 24 artigos para leitura na íntegra, destes, foram selecionados 04 artigos, no período de 2013-2017, com periódicos de publicação a Revista Brasileira de Enfermagem e Revista Gaúcha de Enfermagem. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os tipos de estudos encontrados foram: Revisão integrativa da literatura; Estudo exploratório; Pesquisa observacional e Estudo transversal. Com base nos dados analisados dos estudos encontrados evidenciou-se que a taxa de adesão à higienização das mãos da equipe de enfermagem é inferior a 50% nos hospitais em que as pesquisas foram realizadas, salientando que os técnicos de enfermagem possuem a menor taxa de adesão, seguido dos enfermeiros (BATHKE et al., 2013; SOUZA et al., 2015; GRAVETO et al., 2018; SANTOS et al., 2014). Estudos observados em relação aos “5 Momentos da Higienização das Mãos” estabelecida pela Organização Mundial da Saúde, apontam que grande parcela da equipe de enfermagem apresentam uma maior adesão à higienização das mãos após realização de procedimentos ou/e contato com fluidos corporais (SOUZA et al., 2015; SANTOS et al., 2014). Embora a higienização das mãos seja recomendada após interação com paciente(s), a realização do procedimento de higienização das mãos apenas após o contato aponta um fator preocupante, sugerindo que os profissionais da equipe estão preferencialmente preocupados com o autocuidado e autopreservação do que ao cuidado com o(s) paciente(s), salientando que não estão avaliando, se a falta de higienização das mãos antes do contato pode acarretar quadro

de infecções cruzadas entre pacientes, sugerindo que a equipe de enfermagem pode agir como vetores de infecções (SOUZA et al., 2015; SANTOS et al., 2014). Levando em consideração a vivência do trabalho com base nos hábitos adquiridos ao decorrer da vida do profissional, onde a higienização das mãos é vista como uma prática de autocuidado a parte do conhecimento científico, pode justificar a maior taxa de adesão após contato com paciente(s) (SOUZA et al., 2015). De certa forma o conhecimento adquirido durante a formação acadêmica do profissional tem impacto direto na prevenção, contudo, a maioria dos profissionais entrevistados em um dos estudos analisados, cerca de mais de 80%, afirma que já teve treinamento em seu serviço sobre higienização das mãos e de sua importância no combate das infecções relacionadas à assistência à saúde (BATHKE et al., 2013). **CONCLUSÃO:** Grande parte dos profissionais afirma ter o conhecimento da técnica e reconhece sua importância, e ainda relatam que realizam a higienização das mãos, contudo os estudos analisados mostram que os resultados da prática são insuficientes e indesejáveis e muito longe do necessário. Sendo assim, foi possível observar que uma grande parcela dos profissionais da equipe de enfermagem possui o conhecimento sobre a importância da higienização das mãos da forma adequada. Porém a baixa adesão da higienização das mãos apontada é discrepante se comparada ao número de profissionais que possuem conhecimento sobre os cuidados e prevenção das infecções relacionadas à assistência à saúde.

Palavras-chave: Equipe de enfermagem; Higienização das mãos, Segurança do paciente.

REFERÊNCIAS

BATHKE, J. et al. Infraestrutura e adesão à higienização das mãos: desafios à segurança do paciente. **Revista Gaúcha de Enfermagem [online]**. 2013, p. 78-85. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000200010>>. Acesso em: 15 out. 2021.

GRAVETO, J.M.G.N. et al. Higiene das mãos - adesão dos enfermeiros após processo formativo. **Revista Brasileira de Enfermagem [online]**. 2018, p. 1189-1193. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0239>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SANTOS, T.C.R. et al. Higienização das mãos em ambiente hospitalar: uso de indicadores de conformidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem [online]**. 2014, p. 70-77. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2014.01.40930>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SOUZA, E.C. et al. Conhecimento sobre higiene das mãos de estudantes do curso de enfermagem. **Revista Científica de Enfermagem**. 2017, v. 7, n. 21, p. 41-48. Disponível em: <<https://doi.org/10.24276/rrecien2358-3088.2017.7.21.41-48>>. Acesso em: 30 set. 2021.

SOUZA, L.M. et al. Adesão dos profissionais de terapia intensiva aos cinco momentos da higienização das mãos. **Revista Gaúcha de Enfermagem [online]**. 2015, p. 21-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.04.49090>>. Acesso em: 15 out. 2021.

GRUPOS OPERATIVOS E O PAPEL DO ENFERMEIRO NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Gláucia Andrea Bardaoiul Navarro¹

Carolina Guizardi Polido²

INTRODUÇÃO: O movimento de Reforma Psiquiátrica, iniciado nos anos 1980, gerou discussões acerca de mudanças no tratamento psiquiátrico e inspirou políticas públicas no campo de promoção da saúde mental. Nessa direção, foram elaborados mecanismos norteadores de atenção à saúde mental, que tomaram notória instrumentalização, em especial, por sua utilização nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que são os dispositivos estratégicos para a mudança de modelo de atenção em Saúde Mental, uma vez

¹ Enfermeira, especialista em saúde mental. CAPS II Com-Viver, Associação Feminina de Marília Maternidade e Gota de Leite.

² Enfermeira, Doutora em saúde coletiva. CAPS II Com-Viver, Prefeitura Municipal de Marília. E-mail: carolguizardi@gmail.com.

que atendem a pessoa em sua integralidade e subjetividade, atuando na (re)construção da cidadania (AMARANTE, 2001). Na lógica da mudança do modelo de atenção em saúde mental, os CAPS podem ter como base de trabalho os grupos operativos e contam, em sua equipe mínima, com um enfermeiro de saúde mental. Dentro da prática profissional, a produção ainda incipiente sobre o papel do enfermeiro nos grupos operativos de CAPS, justifica uma revisão da literatura para o entendimento do atual cenário deste campo de atuação do enfermeiro. **MÉTODO:** Este trabalho pretende elucidar, a partir de uma revisão da literatura indexada dos últimos 05 anos, a participação do profissional enfermeiro nos grupos operativos de saúde mental dentro dos CAPS. O referencial metodológico para este trabalho foi a Análise de Conteúdo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Menezes et al. (2020) destacam que o enfermeiro muitas vezes realiza os grupos baseado na experiência profissional, apresentando pouco embasamento científico, não se amparando em teorias de grupo para realizar essa atividade. Bossato et al. (2021) relatam que a equipe de enfermagem atua como uma “antena do cuidado” no serviço CAPS, produzindo ações para a promoção do protagonismo do usuário na reabilitação psicossocial, utilizando, principalmente, a comunicação como ferramenta, para a construção da integralidade, de redes e adesão medicamentosa, não reduzindo o usuário à psicopatologia apresentada. No entanto, para Junqueira e Andrade (2017), a Enfermagem não precisa de mais ferramentas do que a escuta qualificada e a sistematização da assistência de enfermagem para prestar atendimento de qualidade nos CAPS, pois a Enfermagem trabalha apoiada por uma equipe multiprofissional, e as discussões e alinhamentos dos projetos terapêuticos singulares com a equipe CAPS conseguem suprir as necessidades do usuário. Silva, Brandão e Oliveira (2018), ressaltam que a atividade dos profissionais de enfermagem é bastante diversificada, e muitas vezes acompanhada de outros profissionais, e trazem como pontos positivos que a enfermagem é a categoria que mais cria vínculos com os usuários dos serviços, que tem mais facilidade no trabalho multiprofissional e que participa ativamente do processo de reabilitação psicossocial. Porém, também destacam a falta de preparo dos profissionais da enfermagem, a sobrecarga no trabalho e o trabalho com pouco recurso e em estruturas desfavoráveis. **CONCLUSÃO:** Diante disto, entende-se que o papel do enfermeiro nos CAPS ainda é parte essencial do cuidado em saúde mental e atenção psicossocial, porém esbarra no preparo do

enfermeiro para lidar com as atividades de grupo, uma vez que este tipo de abordagem não faz parte dos currículos de graduação atual, sendo necessário maiores investimentos em formação para a adequada condução deste tipo de atividades.

Palavras-chave: enfermagem de saúde mental; centro de atenção psicossocial; assistência de enfermagem.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho; TORRE, Eduardo Henrique Guimarães. A Constituição de Novas Práticas no Campo da Atenção Psicossocial: análise de dois projetos pioneiros na Reforma Psiquiátrica no Brasil. **Saude Debate**, v. 25, n. 58, p. 26-34, maio/ago. 2001

BOSSATO, Hércules Rigoni et al. A enfermagem e o protagonismo do usuário no CAPS: um estudo na perspectiva construcionista. **Rev Gaucha Enferm**, v.42, spe, s/p, 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/cLy8PdL7ZVjXwNRcFvwcYpC/?lang=pt>>. Acesso em 14 jul. 2021.

JUNQUEIRA, Marcela; ANDRADE, Laura Freire de. Cuidados de enfermagem em pacientes com transtornos mentais inseridos nos Centros de Atendimentos Psicossociais (CAPS). **Rev Bras Cienc Vida**, v.5, n.2, s/p, 24 telas, 2017. Disponível em <<http://jornalold.faculadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/539>>. Acesso em 15 jul. 2021.

MENEZES, Etienne Silveira de et al. Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental: uma ferramenta de reabilitação psicossocial. **Rev NESME**, v. 17, n. 2, 2020, p. 118-140. Disponível em <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/1394/139465538006/139465538006.pdf>>. Acesso em 02 jul. 2021.

SILVA, John Victor dos Santos; BRANDÃO, Thyara Maia; OLIVEIRA, Keila Cristina Pereira do Nascimento. Ações e atividades desenvolvidas pela enfermagem no Centro De Atenção Psicossocial: revisão integrativa. **Rev Enferm Atenção Saúde** [Online], v.7, n.3, p.137-149, 2018. Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/690d/6d9b84111dc6c2c1afc3f8ec64a12c1c0b62.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2021.

O ENFERMEIRO E A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Oswaldo Cesar Pompei Júnior¹

Nathália de Azevedo Mendes²

Simone de Carvalho Santos³

Carolina Guizardi Polido⁴

INTRODUÇÃO: A educação em saúde é conceituada como um compartilhamento entre profissionais de saúde e clientes em rede, onde o diálogo e a troca de saberes podem construir novos conhecimentos compartilhados e aumentar o engajamento no cuidado. Configura-se como pilar da natureza holística da ação em saúde, construída democraticamente com participação social, a educação em saúde visa formar um lugar entre indivíduos autônomos que são chamados a ter uma atenção especial aos processos e cuidados com as doenças em saúde (ALMEIDA et al., 2014). Tornou-se também uma força motriz para o compartilhamento de informações entre profissionais de saúde, gestores e comunidades ao percorrer as áreas que atende, reunindo suas reais necessidades e traduzindo-as em estratégias de controle social. Sendo o enfermeiro o profissional mais próximo do paciente, cabe a ele esclarecer dúvidas e prestar informações ao paciente, educando e orientando o mesmo sobre sua saúde, dentro ou fora de um ambiente hospitalar, desenvolvendo novas estratégias para o atendimento humanizado e com melhor qualidade (Costa et al., 2018). **OBJETIVO:** investigar o papel do enfermeiro na educação em saúde no contexto da atenção primária em saúde. **Método:** Este é um trabalho de revisão de literatura, realizado através do cruzamento das palavras-chave enfermeiro and educação em saúde. **RESULTADOS:** O

¹ Enfermeiro. Egresso do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos. Email: osvaldocesarjunior@hotmail.com.

² Enfermeira. Egressa do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

³ Enfermeira, Mestre em Ensino em Saúde. Docente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

⁴ Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva. Docente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

modelo de gestão do trabalho na atenção primária à saúde (APS) não tem conseguido atingir os parâmetros da saúde integral, pois tem tido como foco atendimentos rápidos e dinâmicos, sem levar em conta que em diversos atendimentos é necessário um acompanhamento a longo prazo com pesquisa e investigação dos pacientes (JAHN et al., 2012). Muitas vezes, a sobrecarga de trabalho não permite que o enfermeiro realize a sua função na APS, de ser responsável pela prevenção e pelo cuidado pela manutenção da saúde. Embora se busque o dinamismo no trabalho para a promoção e prevenção em saúde, a recuperação da aplicação de ações educativas se mostra como uma peça-chave para que possa ser atingido os objetivos de melhoria na saúde do sujeito, visto que deve haver um equilíbrio entre o saber técnico adequado a realidade do cliente contribui para o desenvolvimento de vínculo dos serviços de saúde na comunidade a qual está incluído. As ações de educação em saúde na APS são ferramentas essenciais para o desenvolvimento de intervenções preventivas e coletivas que potencializem o papel do enfermeiro na promoção da saúde e prevenção, principalmente, de doenças crônicas como HAS e DM. **CONCLUSÃO:** Diante do demonstrado, podemos perceber que o cuidado ao indivíduo não pode ser limitado a abordagens técnico-biológicas, e sim ser ampliada para o contexto da empatia e autonomia do sujeito, respeitando o saber em saúde pré-existente do usuário e de sua comunidade, como possível provedor de melhorias na manutenção da saúde e bem-estar. Nesse sentido, percebe-se que as ações de enfermagem na perspectiva da compreensão integral dos cuidados em educação em saúde podem auxiliar na consolidação e fortalecimento dos serviços de saúde.

Palavras-chave: Enfermagem; Educação em Saúde; Atenção Primária à Saúde; Assistência ao Paciente.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Edmar Rocha, MOUTINHO, Cinara Botelho; LEITE, Maisa Tavares de Souza. A prática da educação em saúde na percepção dos usuários hipertensos e diabéticos. **Rev. Saude Debate Online**. 2014, v. 38, n. 101 p. 328-337. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140030>>. ISSN 0103-1104. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140030>. Acesso em: 24 Out. 2021.

COSTA, Paula Cristina Pereira; DURAN, Erika Christiane Marocco. Evidências clínicas para hipertensos e diabéticos na saúde da família. **Rev. Enferm UFPE online- Recife**, v.12, n.8, p.194-204, ago.2018. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i8a235849p2194-2204-2018>>. Acesso em: 11 maio 2021.

JAHN, Alice do Carmo et al. Educação popular em saúde: metodologia potencializadora das ações do enfermeiro. **Rev. de Enferm. da UFSM**, v. 2, n. 3, p. 547552, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/3522>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

O MÉTODO CANGURU E A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE SAÚDE SOBRE ESSA CONDUTA

Lais Alves Rodrigues¹
Marina Maria da Silva²
Bruna Gama Dos Santos³
Lara Rayane Santos Silva⁴
Maria Laura Beatriz Nascimento Cardoso⁵

INTRODUÇÃO: O método canguru (MC) está presente na assistência neonatal, onde ele vem auxiliando na redução da mortalidade infantil em recém-nascidos (RNs) prematuros e de baixo peso (MORAIS et al., 2022). Possui como princípio promover um maior vínculo afetivo entre os pais e o RN, mantendo o bebê em contato pele a pele e em posição vertical contra o tórax da mãe ou do pai, sendo realizado por meio de algumas etapas, primeira, é

¹ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden. E-mail: lais1405@hotmail.com.

² Enfermeira, Residente em Saúde da Família pelo Centro Universitário Tabosa De Almeida - Asces Unita marinasilva232@gmail.com.

³ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden.

⁴ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden.

⁵ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Do Vale Do Ipojuca – Unifavip Wyden.

necessário que os responsáveis participem do cuidado e estímulo da amamentação, na segunda as intervenções dependem da estabilidade clínica do RN e por fim a terceira começa a partir do momento da alta hospitalar, e também exige cuidado ambulatorial na atenção básica (ÁRTICO et al., 2021). O profissional de enfermagem deve estar apto para lidar com todas o passo a passo realizado no método canguru, assegurando que o RN e seus pais estejam em conforto pleno em todas as fases, o que beneficiará a realização das mesmas (GOMES et al., 2021). **OBJETIVO:** Avaliar na literatura já publicada a importância do método canguru para recém-nascidos de baixo peso bem como a importância da atuação e conhecimento dos profissionais de enfermagem ao lidar com o método. **MATERIAIS E MÉTODOS:** A pesquisa trata-se de um resumo simples da literatura. A busca pelos artigos utilizados, ocorreu na base de dados: Scientific Electronic Library (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores utilizados foram filtrados no (DeCS) Descritores em Ciências da Saúde. Foi considerada as publicações mais atuais, os últimos cinco anos - 2018 a 2021, sendo selecionados 5 artigos cujos temas atendiam aos critérios desta revisão. **RESULTADOS:** Os profissionais de enfermagem possuem um papel de grande relevância no auxílio aos pais dos RNs que necessitam do método, pois além da assistência prestada no ambiente hospitalar, eles continuam a precisarem de cuidados ao longo do seu crescimento e desenvolvimento, e o enfermeiro (a) deve orientar os genitores sobre o que será feito em seguida, pois cuidado contínuo é de suma importância para a qualidade de vida dos RNs (NUNES, 2022). **CONCLUSÃO:** Diante disso, entende-se que o método canguru é uma assistência humanizada e qualificada para os pré-maturos, e a enfermagem tem um papel fundamental para assistência no método, realizando: Acolhimento, procedimentos, monitorização, orientações para os cuidadores sobre a importância do acompanhamento após receber alta, ofertando assim uma assistência eficaz e efetiva (SANTOS et al., 2021).

Palavras-chaves: Método canguru; assistência de enfermagem; saúde materno infantil.



1º CEIP

CONGRESSO DE ENFERMAGEM
DO INTERIOR PAULISTA



12 E 13 DE MAIO

ANAIS 2022

REFERÊNCIAS

MORAIS, Francisca Jáyra Duarte et al. Sistematización Cuidados de Enfermería: Equipo de Conocimiento de la unidad de cuidados de enfermería del canguro. **Cultura de los Cuidados**. 1º Cuatrimestre 2022. Año XXVI. nº 62, 2022.

GOMES, Marcilene Pimentel et al. Conhecimento de mães sobre cuidados de recém-nascidos recém-nascidos e aplicação do Método Canguru no domicílio. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021.

ÁRTICO, Francieli et al. A importância do método canguru no processo de assistência da enfermagem: um relato de experiência. **ANAIS DA MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CESUCA-ISSN 2317-5915**, n. 15, 2021.

DOS SANTOS, Larissa Lessa et al. Método Canguru: Estratégia humanizada e reforçados. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**. v. 10, n. 4, pág. e40610414023-e40610414023, 2021.

NUNES, Adila Marcela Lima. A importância do método canguru para recém-nascidos prematuros e/ou de baixo peso ao nascer. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 2, p. 400-407, 2022.

OS DESAFIOS DOS ENFERMEIROS PARA REALIZAÇÃO DO PRÉ-NATAL ÀS MULHERES INDÍGENA

Ricardo Augusto Andrade de Melo¹

Ricardo da Silva Taroco²

Andreia Andrade dos Santos³

Fabírcia Cláudia da Costa⁴

Karen Caroline Almeida Silva⁵

Denise Gomes dos Santos⁶

INTRODUÇÃO: A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas foi integrada na Política Nacional de Saúde em 2002, por meio da Portaria Federal do Ministério da Saúde nº 254, de 31 de janeiro de 2002, que visa o direito a um atendimento diferenciado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sendo respeitadas suas especificidades culturais (Brasil, 2002). Mesmo com a criação de políticas públicas voltadas direta ou indiretamente à população indígena, as mulheres e seu povo são pouco assistidos nos serviços de saúde, instigando questionamentos sobre a procura dos mesmos ao atendimento básico, uma vez que este visa à promoção, manutenção e recuperação da saúde. Com base nestas observações, sentiu-se a necessidade em se estudar e aprofundar o conhecimento sobre a realidade de saúde da mulher indígena e o papel do enfermeiro nos desafios para prestar assistência com qualidade. Desse modo, para conhecer e compreender esta realidade o presente estudo teve como questão norteadora: quais são os desafios enfrentados pelo enfermeiro para uma efetiva promoção de saúde às mulheres indígenas no pré-natal? **OBJETIVO:** Identificar os desafios

¹ Discente do curso de graduação em Enfermagem UNIPTAN - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: claudiofotoevideo1@gmail.com.

² Discente do curso de graduação em Enfermagem UNIPTAN - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves.

³ Docente do curso de graduação em Enfermagem UNIPTAN - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves.

⁴ Discente do curso de graduação em Enfermagem UNIPTAN - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves.

⁵ Discente do curso de graduação em Enfermagem UNIPTAN - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves.

⁶ Discente do curso de graduação em Enfermagem UNIPTAN - Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves.

do enfermeiro no pré-natal das mulheres indígenas. Referencial Teórico: A assistência pré-natal é um importante componente da atenção à saúde das mulheres no período gravídico-puerperal, essas práticas realizadas rotineiramente reduz a morbimortalidade materna e infantil. Um levantamento realizado pelo Inquérito Nacional com 3.967 gestantes e puérperas mostrou que apenas 30% das mulheres indígenas aldeadas começam o acompanhamento com o obstetra no primeiro trimestre de gravidez. Catorze por cento (14%) delas sequer chega a fazer qualquer consulta pré-natal (Borges et al., 2016). O acesso à assistência pré-natal pode ser o principal instrumento do prognóstico ao nascimento e o baixo índice de mortalidade materna infantil. Sabe-se que um pré-natal bem-feito, com equipe multidisciplinar, previne, identifica e trata fatores de risco. Assim a assistência qualificada dos enfermeiros é essencial para aumentar a cobertura e resolutividade da assistência à saúde da gestante indígena. Existem alguns desafios que dificultam a efetiva promoção da saúde às mulheres indígenas no pré-natal, como o início tardio, o modelo biomédico, a ausência de registros em prontuários, a baixa realização de exames laboratoriais e a vacinação. Alguns fatores que podem contribuir para tais desafios são, a insuficiência de profissionais capacitados para atendimento, a baixa captação de profissionais, a alta rotatividade de profissionais no sistema indígena, e até mesmo a falta de recursos financeiros para a qualificação no atendimento. Em contrapartida, existem outros fatores que podem ser levados em consideração quando diz sobre a defasagem da assistência ao pré-natal, que está relacionado a resistência da população local, como por exemplo, seus costumes, tradições e hábitos. Método: Trata-se de um estudo de revisão integrativa, realizada na base de dados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os seguintes descritores: enfermagem, saúde indígena e pré-natal. Foram encontrados 85 artigos. Após a utilização dos filtros: texto completo, idioma português e publicados nos últimos 05 anos foram reduzidos para 21 artigos. Após a realização da leitura dos títulos e dos resumos, foram selecionados 05 artigos por responderem o objetivo do trabalho. **RESULTADOS:** A literatura mostra que a atenção ao pré-natal em mulheres indígenas ainda é de baixa proporção, e pode estar relacionada a condições regionais, étnico racial e socioeconômica. Quando comparado a mulheres de outras regiões do país, as indígenas têm menos acesso a atendimento clínico-obstétricos e conseqüentemente não receberam cuidados adequados no pré-natal. Nos critérios

selecionados referentes a adequação ao pré-natal na maioria dos resultados, as mulheres indígenas apresentaram baixos percentuais de assistência à saúde, as colocando em severas condições de vulnerabilidade social. É válido ressaltar, que na literatura não foram identificadas normas técnicas específicas que orientem a realização do pré-natal nas sociedades indígenas, o que não considera a distinção de etnia. Análises recentes sugerem que as iniciativas oficiais de incorporação das práticas e saberes nativos resultaram na constituição de dispositivos de controle pelo Estado, com uma perspectiva essencialmente integracionista. Além disso, as propostas oficiais de uma atenção diferenciada parecem ser vistas como problemáticas pelos próprios gestores, e a própria racionalidade biomédica impede a flexibilização das ações em direção ao diálogo intercultural (Mendes et al., 2018). Ficou evidente nos estudos que um dos grandes dificultadores para um efetivo pré-natal ainda é a resistência da população em aceitar o enfermeiro como um profissional capacitado para o atendimento. O modelo biomédico é ainda um grande desafio para a enfermagem.

CONCLUSÃO: Ao avaliar a pergunta norteadora e os resultados encontrados, é possível concluir que é imprescindível a construção de reflexões e investigações sobre a necessidade de transformação dos modelos de atenção e de novas práticas de cuidar prestadas as mulheres indígenas. Apesar disso, os dados obtidos na pesquisa mostraram que o enfermeiro tem um papel de suma importância para o acolhimento e atendimento às necessidades das gestantes, que se encontram em um ambiente precário e em um período vulnerável.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Saúde de Populações Indígenas; Assistência Pré-natal; Enfermagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos indígenas**. 2ª Edição – Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002.

Borges MC, Buffarini R, Santos RV, Cardoso AM, Welch JR, Garnelo L, et al. Anemia among indigenous women in Brazil: findings from the First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition. **BMC Womens Health** 2016; 16:7.

Mendes, A.M.; Leite, M.S.; Langon, E.J.; Grisotti, M. O desafio da atenção primária na saúde indígena no Brasil. *Rev Panam Salud Publica*. Washington/United States, v. 42, 2018.

PESO E HÁBITOS DE VIDA DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO INTERIOR PAULISTA

Sarah Mendes Galindo¹

Wellington Camargo Leandro²

Carolina Guizardi Polido³

INTRODUÇÃO: O sobrepeso e a obesidade são definidos como o acúmulo anormal de gordura corporal que representa risco à saúde, e vem aumentando de forma alarmante nos últimos anos (SÁ et al., 2017). Trata-se de uma comorbidade de etiologia multifatorial que abrange fatores biopsicológicos, socioeconômicos e comportamentais (GUIMARÃES et al., 2012). As consequências da obesidade infantil na fase escolar podem repercutir a curto e longo prazo desencadeando desde transtornos psicológicos, como depressão, a doenças respiratórias e cardiovasculares como a angústia respiratória e o diabetes (MEDEIROS et al., 2011). Neste contexto, o rastreamento dos índices de crianças com sobrepeso ou obesas na fase escolar se torna de extrema importância, uma vez que quanto mais intenso e precoce

¹ Discente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

² Discente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

³ Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva. Docente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

o aumento de gordura corporal, maior o risco de persistência da obesidade na vida adulta.

OBJETIVO: O objetivo deste trabalho é identificar as crianças de 5 a 11 anos com sobrepeso ou obesidade da rede de escolas municipais de um município do interior paulista.

MÉTODO: estudo descritivo feito através de dados secundários levantados através do projeto de extensão Criança Saudável. O questionário, preenchido pelos pais ou responsáveis, foi aplicado em 5 escolas de ensino infantil e fundamental I (primeiro ao quinto ano) em outubro de 2019, de forma física, tendo taxa de retorno de 85%. Após digitação do banco de dados, foi selecionada a amostra para este estudo: crianças de 5 a 11 anos, com dados completos sobre o peso e altura. Foram excluídos deste trabalho todos os indivíduos que não faziam parte da faixa etária escolhida (160 crianças), com dados incompletos em relação ao peso (70 crianças) e altura (70 crianças).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: a amostra deste estudo foi composta por 133 crianças, 67 meninas e 66 meninos. Após cruzamento dos dados de acordo com as tabelas de Índice de Massa Corporal da Organização Mundial da Saúde para crianças de 5 a 19 anos, foram encontradas 32 meninas e 26 meninos eutróficos; 17 meninas e 10 meninos apresentam sobrepeso e 6 meninas e 21 meninos com obesidade; 6 meninos estão abaixo do peso e 3 em magreza severa; 10 meninas abaixo do peso e 2 em magreza severa. Em escala likert comportamental (sempre, quase sempre, de vez em quando, às vezes, nunca), fica marcado o uso de telas - celular e televisão, com 80% das respostas “sempre” e exercício físico, incluindo andar de bicicleta e brincar na rua com 80% das respostas “às vezes” e “nunca”. O consumo de vegetais crus e legumes é apontado como “nunca” e “às vezes” para 37% das crianças, podendo ser considerado um indicativo de alto consumo de carboidratos em geral. Nossos dados são compatíveis com os encontrados por Sá et al. (2017), que demonstram que o hábito alimentar ruim da criança está relacionado à ocorrência de sobrepeso e obesidade, e que houve diminuição na atividade física das crianças devido ao avanço tecnológico e a falta de segurança em vias públicas.

CONCLUSÃO: Para as crianças com sobrepeso e obesidade, o tempo dedicado ao uso de telas superou o tempo gasto na prática de exercícios físicos. É importante orientar que os responsáveis devem se atentar aos programas de puericultura e orientações das equipes de saúde, além de atuar na prática de exercícios físicos e na conscientização sobre a necessidade de redução do tempo de telas.

Palavras-chave: obesidade pediátrica; sobrepeso; desenvolvimento infantil; serviços de enfermagem escolar.

REFERÊNCIAS

SÁ, Amanda Godinho de et al. Sobrepeso e obesidade entre crianças em idade escolar. **Nutr. clín. diet. hosp.**, v.37, n.4, p.167-171, 2017. DOI: 10.12873/374godinho

MEDEIROS, Carla Campos Muniz et al. Estado nutricional e hábitos de vida em escolares. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v.21, n.3, p.789-797, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 abr. 2022.

GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo et al. Excesso de peso e obesidade em escolares. **Arq Bras Endocrinol Metab**, v.56, n.2, p.142-148, 2012. DOI: 10.1590/S0004-27302012000200008

QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA AO IDOSO HIPERTENSO

Lillian Souza Teixeira¹

Marla Fabiula de Barros Hatisuka²

INTRODUÇÃO: A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) é uma condição multifatorial, caracterizada por elevação sustentada dos níveis pressóricos ≥ 140 e/ou 90 mmHg. Os

¹ Enfermeira, Bandeirantes, PR, Brasil. E-mail: lillian.souzat98@gmail.com.

² Marla Fabiula de Barros Hatisuka, Doutora em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes, PR, Brasil.

principais fatores de risco para seu desenvolvimento são: idade; sobrepeso/ obesidade; ingestão de álcool; fatores socioeconômicos; sexo e etnia; alimentação inadequada; sedentarismo e fatores genéticos. A chegada do envelhecimento torna a pressão arterial um problema mais significativa, devido ao enrijecimento progressivo e a perda da complacência das grandes artérias. Em torno de 65% dos indivíduos acima de 60 anos apresentam HAS, considerando a transição epidemiológica que o Brasil vem sofrendo, aumentando a expectativa de vida dos idosos. (BARROSO et al, 2020). Assim, a adesão ao tratamento nos idosos reduz, substancialmente, o risco de acidente vascular cerebral, controla a insuficiência cardíaca e reduz a mortalidade por doenças cardiovasculares. Pergunta de pesquisa: A qualidade do atendimento na Atenção Primária à Saúde (APS) é efetivada na assistência ao idoso hipertenso? **OBJETIVO:** esta pesquisa teve por objetivo caracterizar a qualidade da assistência ao idoso com de hipertensão arterial. **MÉTODO:** Estudo transversal, exploratório e de análise quantitativa. Foram avaliadas as respostas dos idosos hipertensos que participaram do 3º ciclo de avaliação do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB) que ocorreu entre os anos de 2015 a 2017. Este programa foi realizado com objetivo avaliar a satisfação e percepção dos usuários em relação aos serviços de saúde no que se refere ao acesso e utilização, gerando, deste modo, uma gama de informações com intuito de auxiliar na melhoria deste nível de atenção à saúde. Nesse sentido, esta pesquisa avaliou as repostas dos usuários idosos que referiram ter hipertensão arterial e por isso responderam às perguntas contidas no item 16 do Módulo III – Entrevista na Unidade de Saúde com o Usuário, onde a pergunta 16.1 era: “alguma médico lhe disse que o senhor tem pressão alta (hipertensão)?”, sendo as respostas possíveis: “sim”, “não”, “não sabe/não respondeu”, assim, os que responderam “sim” foram elegíveis para a presente pesquisa. Foram realizadas análises descritivas das respostas destes usuários a despeito do item 16.4 e 16.5, para caracterização da qualidade da assistência recebida pelos idosos hipertensos. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética parecer nº 3.284.083 e CAAE: 12099019.7.0000.8123. **RESULTADOS:** Participaram do PMAQ 31.177 idosos, destes 21.112 (67,75%) referiram ter hipertensão arterial. Do total de hipertensos 14.128 (66,9%) eram do sexo feminino, 11.872 (52,23%) eram casados e 9036 (42,8%) referiram ser da raça parda/mestiça. Em relação a qualidade da assistência 20.489 (97,5%) idosos

referiram que os profissionais de saúde medem a sua pressão durante a consulta, contudo, apenas 8.615 (40,81%) relatam que saem da consulta com a próxima consulta agendada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Estes resultados demonstram que é necessário reforçar a continuidade da assistência dos idosos hipertensos, para que a qualidade da assistência seja efetivada nos serviços de APS.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Avaliação de Programas e Projetos de Saúde; Qualidade, Acesso e Avaliação da Assistência à Saúde.

REFERÊNCIAS

BARROSO, W.K.S. et al. Diretrizes Brasileiras de Hipertensão arterial. Brazilian Guidelines of Hypertension. *Arq Bras Cardiol*, 2020.

USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ASSOCIADO A PANDEMIA DA COVID-19: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Pedro Henrique da Costa Gonçalves¹
Oswaldo Cesar Pompei Júnior²
Carolina Guizardi Polido³

INTRODUÇÃO: Os primeiros registros de infecção pelo SARS-CoV-2 em humanos ocorreram em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. O agente etiológico

¹ Enfermeiro. Especialista em saúde mental. E-mail: pedrohenfermeiro@hotmail.com.

² Enfermeiro. Egresso do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

³ Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva. Docente do curso de graduação em Enfermagem – Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos.

demonstrou altas taxas de morbimortalidade e de disseminação, fator este que propiciou o estado de pandemia. Diante disso houve a adoção de medidas de proteção essenciais e restritivas, como, por exemplo, restrição de contato e isolamento social, conforme recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), bem como o fechamento das fronteiras dos mais diversos territórios, sendo esta uma medida para reduzir e conter a disseminação da COVID-19 (DIEHL et al., 2021). O isolamento social contribuiu para o agravamento de outras adversidades para a saúde mental das pessoas como, por exemplo, o medo do adoecimento dos entes queridos ou o do próprio adoecimento, aumento do sentimento de solidão e das incertezas relacionadas aos meios de renda, a morte e outras situações que exercem influência negativa no bem-estar das pessoas. Associados, este grupo de situações corroborou para o aumento dos transtornos psiquiátricos, incluindo o consumo de Substâncias Psicoativas (SPA), muitas vezes utilizadas como estratégia na busca da sensação de alívio destes sentimentos e problemas correlacionados (DIEHL et al., 2021).

OBJETIVO: Identificar através da literatura a relação do consumo de substâncias psicoativas com a pandemia da COVID-19 bem como as estratégias de assistência disponíveis. **Método:** Como método de pesquisa foi utilizada a revisão bibliográfica, com a análise dos artigos apresentados pelo cruzamento das palavras-chave Substâncias Psicoativas OR Transtornos Psiquiátricos AND Pandemia. **RESULTADOS:** Após o início do período restritivo da pandemia, a OMS emitiu também o alerta sobre os riscos associados ao SARS-CoV-2, incluindo o consumo abusivo de bebidas alcoólicas. Importante salientar que o abuso desta substância pode interferir com o sistema imunológico e no equilíbrio do organismo humano em sua totalidade, ocasionando a diminuição da crítica e vigilância no que diz respeito às ações de autocuidado e consequentemente às medidas profiláticas essenciais na prevenção à COVID-19. As maiores susceptibilidades relacionadas ao consumo das SPA foram os jovens, mulheres e população de baixa renda (DIEHL et al., 2021). O uso das SPA pode intensificar as dificuldades já enfrentadas no período pandêmico da COVID-19 ao associar-se aos comportamentos de autoagressão, assim como ao aumento da ocorrência de pensamentos suicidas. A assistência prestada pela atenção primária à saúde é essencial tanto no diagnóstico, como no acompanhamento e tratamento dos casos confirmados para COVID-19, visto que as Unidades de Saúde como partes constituintes da

Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e inseridas nos territórios são ambientes que propiciam a identificação dos fatores que interferem na saúde mental da população, tendo a oportunidade de identificar os casos de maior complexidade, avaliando-se a necessidade dos encaminhamentos para os serviços especializados. Foi identificada a necessidade de flexibilização e avaliação dos protocolos e a adoção de novas práticas pelos profissionais de saúde como, por exemplo, a ferramenta da telessaúde, de modo a proporcionar a continuidade dos atendimentos, mesmo que a distância (VALPATO et al., 2021). Evidenciou-se que em decorrência dos sofrimentos psicológicos e transtornos desencadeados pelos fatores associados a pandemia, o acompanhamento dos casos por muitas vezes é remetido ao tratamento no modelo biomédico e estritamente medicamentoso (GARRIDO; RODRIGUES, 2020). Alinhado às Políticas de Humanização e Redução de Danos, reforça-se a importância da avaliação do sujeito como um ser biopsicossocial, promovendo estratégias para alívio do sofrimento psíquico e redução do abuso de substâncias. Há evidências ainda da necessidade de capacitação das equipes de atenção primária com vistas ao rastreamento de sujeitos que realizam consumo abusivo de substâncias e suporte no tratamento adequado dentro da RAPS. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que é de suma importância o investimento na capacitação das equipes e nas Unidades que compõem RAPS proporcionando o atendimento integral às necessidades da população e a garantia da assistência nos serviços territoriais de maneira ampliada. As estratégias de cuidados podem estar vinculadas a intensificação das políticas de redução de danos, no fortalecimento da rede de apoio de cada indivíduo.

Palavras-chave: Enfermagem; COVID-19; Distúrbios Psiquiátricos; Comportamentos Associados à Obtenção e Consumo de Drogas.

REFERÊNCIAS:

DIEHL, Alessandra; PILLON, Sandra Cristina; SANTOS, Manuel dos. Consumo de álcool, outras substâncias e a pandemia da COVID 19: implicações para a pesquisa e para a prática clínica. **Rev Bras Psicoter**, v.23, n.1, p.237-246, 2021. DOI 10.5935/2318-0404.20210017.



1° CEIP

CONGRESSO DE ENFERMAGEM
DO INTERIOR PAULISTA



12 E 13 DE MAIO

ANAIS 2022

VALPATO, Rosa Jacinto. et. al. Implicações da COVID-19 para indivíduos com transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas: revisão overview. **REVISA**, v.10, n.4, p. 636-655,2021. DOI <https://doi.org/10.36239/revisa.v10.n4.p636a655>

GARRIDO, Rodrigo Grazinoli; RODRIGUES Rafael Coelho. Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. **J Health Biol Sci**, v.8, n.1, p.1-9, 2020. DOI 10.12662/2317-3325jhbs.v8i13325.p1-9.2020

35

